

Cultura, religiosidade e turismo: dança e objetos de ex-votos nas cidades de Laranjeiras (Mussuca) e São Cristóvão (Sergipe-Brasil)

Culture, religiosity and tourism: dance and objects of ex-religious vows in the cities of Laranjeiras (Mussuca) and São Cristóvão (Sergipe-Brazil)

*Ivan Rego Aragão**

*Gabriela Nicolau dos Santos***

Resumo

Por meio do turismo cultural-religioso, fazeres e saberes cotidianos de uma comunidade, vinculados à religiosidade popular, são incorporados à lista de atrativos turísticos. Esses fazeres e saberes são convertidos em atrações turísticas, reafirmando os lugares como destinos turísticos no âmbito da cultura e da identidade. Dentro da classificação das práticas votivas de louvação aos santos católicos, o presente estudo busca analisar a produção (material e imaterial) vinculada à religiosidade popular nas duas principais cidades históricas do Estado de Sergipe: Laranjeiras e São Cristóvão. Este artigo é o resultado do acompanhamento e verificação das etapas da dança de São Gonçalo do Amarante e observação dos tipos de ex-votos levados à Igreja na Festa do Senhor dos Passos. Como metodologia, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, etnografia no povoado da Mussuca e trabalho de campo em São Cristóvão. Com a análise pós-campo, puderam-se observar contradições advindas da observação/participação crescente dos turistas em rituais religiosos, transformando a dança votiva, em espetáculo cultural. Após a tabulação dos dados, verificaram-se mudanças no vínculo/compromisso entre o devoto e a imagem cristã, sendo atribuído um novo sentido aos objetos relativos às graças alcançadas.

Palavras-chave: Ex-voto; Turismo Cultural-Religioso; Dança de São Gonçalo do Amarante; Nosso Senhor dos Passos; Laranjeiras e São Cristóvão-SE.

Abstract

Through cultural-religious tourism, there is an incorporation of everyday activities and knowledge of the community linked to popular religiosity into the list of tourist attractions. These activities and knowledge are converted into tourist attractions, reaffirming specific places as tourist destinations in the context of culture and identity. Inside the classification of votive practices of praise to Catholic saints, this study seeks to analyze the (material and immaterial) production linked to popular religiosity in two main historical cities of the State of Sergipe: Laranjeiras e São Cristóvão. This article is the result of monitoring and verification of the dance of São Gonçalo do Amarante and of observation of the types of religious ex-vows brought to church in the party of Nosso Senhor dos Passos. The

* Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: ivan_culturaeturismo@hotmail.com

** Doutoranda de Estudos Avançados em Antropologia Social e Mestre em Antropologia e Etnografia pela Universidade de Barcelona. Mestre em Cultura e Turismo pela Universidade Estadual de Santa Cruz-BA. Professora Estácio/FaSe. E-mail: gabrielanicolau@yahoo.com.br

methodology used was the literature research, ethnography in the village of Mussuca and fieldwork in São Cristóvão. With the post-field analysis we observed contradictions arising from the increasing observation/participation of tourists in religious rituals, turning the votive dance in a cultural show. After tabulating the data, it was seen that there are changes in the bond/commitment between the devotee and the Christian image, being given a new meaning to the objects related to the reached graces.

Keywords: Religious Ex-Vows; Cultural-Religious Tourism; São Gonçalo do Amarante; Our Lord of Steps; Laranjeiras and São Cristóvão/SE.

Introdução

Dentre os “saberes e fazeres” vinculados às tradições e aos costumes de uma comunidade e que expressam a religiosidade local encontram-se os objetos e danças. Neste artigo, são analisadas práticas cotidianas de devoção, presentes no dia a dia no povoado da Mussuca em Laranjeiras, e uma data festiva em São Cristóvão: a dança de louvação para São Gonçalo do Amarante e o ato de levar os ex-votos para serem colocados na sala de milagres¹ na Festa do Senhor dos Passos.

A Dança de São Gonçalo do Amarante, que apresenta em sua gênese o pagamento de promessas em devoção ao santo, ganha status de *performance* para ser apresentada em encontros culturais e festivais de cultura popular. Os objetos produzidos, a partir das graças alcançadas pela intersecção do Senhor dos Passos, passam de objetos materiais representantes da cura recebida para objetos museais quando ao, serem deixados na Sala de Milagres, se incorporam ao acervo do museu.

Nesse contexto, o presente artigo objetiva analisar a produção material e imaterial vinculada à religiosidade popular e sua apropriação pelo turismo. Como já mencionado, o estudo analisou especificamente a dança de São Gonçalo do Amarante, em Laranjeiras (povoado Mussuca), e os objetos de ex-votos em São Cristóvão. Ambas as cidades estão situadas no estado de Sergipe, tendo seus conjuntos arquitetônicos reconhecidos como patrimônio pela sociedade civil e órgãos de salvaguarda, espaços urbanos sergipanos propícios à prática do turismo cultural-religioso, e que possuem produções ligadas à imaterialidade em seu cotidiano, a exemplo dos folguedos e práticas religiosas.

Como metodologia, o estudo utilizou a pesquisa bibliográfica e de campo, observação direta no cotidiano dos integrantes da dança de São Gonçalo, preparação do ritual e cortejo. Durante três meses, a autora vivenciou a rotina do grupo através da etnografia visando à coleta, análise e interpretação das informações. Se referenciando em Weber (2009), a autora, ao acumular elementos acerca do dia-a-dia dos integrantes do grupo do São Gonçalo do Amarante, descreveu e analisou as práticas culturais-religiosas, os discursos e as suas relações, tanto harmônicas como paradoxais.

No caso da análise realizada no município de São Cristóvão, foram aplicados cento e quatro questionários com os fiéis-devotos e visitantes-turistas que se deslocaram até a festa do Senhor dos Passos realizada em março de 2011. Foi priorizada uma abordagem qualitativa com três questões abertas vinculadas ao compromisso com o Senhor dos Passos: os tipos de ex-votos levados para o museu, as maneiras de agradecer por uma graça recebida e o significado de levar ex-voto na festa. Ainda no campo de estudo de São Cristóvão, foram realizadas entrevistas com atores sociais vinculados ao Museu dos Ex-votos e Secretaria de Cultura e Turismo².

Esse estudo justifica-se por analisar as manifestações religiosas vinculadas ao pagamento de promessas, tanto no âmbito material quanto no imaterial. Reconfigura-se para novas funções por uma demanda social cada vez mais presente nos locais onde os ex-votos acontecem: os turistas. Por causa dos turistas e visitantes, ou seja, pessoas alheias à comunidade, as manifestações religiosas tradicionais na região acabam transformadas em atrativos turísticos. O seu valor de cunho religioso passa a se adaptar às necessidades dos visitantes na medida em que é percebida na singularidade da cultura produzida, a potencialidade para tornarem-se atrativos turísticos de um local.

1. Laranjeiras e Mussuca: localização geográfica e breve histórico

Localizada no estado de Sergipe, região nordeste do Brasil, a cidade de Laranjeiras situa-se a aproximadamente 18 km de Aracaju, capital do estado. Fundada sob o signo da complementaridade em relação ao estado da Bahia, a capitania de Sergipe teve como fundamento econômico a pecuária e a lavoura

canavieira. Alcançou seus tempos áureos com a economia açucareira colonial, concentrando grande parte das fazendas de cana-de-açúcar do estado.

É constantemente associada à tradição histórica, como ocorre com os lugares que abrigaram as elites econômicas e intelectuais do Brasil colonial. Na arquitetura de praças e casarões se encontram marcas de uma sociedade efervescente que concentrou nos séculos XVIII e XIX várias iniciativas no campo intelectual e político (Bomfim, 2004). Além da riqueza histórica expressa na arquitetura colonial, a cidade de Laranjeiras guarda ainda expressões imateriais de sua história, contada através da presença de mais de vinte grupos de danças e folguedos (Santos, 2006).

O povoado Mussuca, pertencente a Laranjeiras, encontra-se a 3 km da sede municipal, nas margens de uma das mais importantes rodovias federais (BR-101) e possui cerca de dois mil habitantes. Embora não se saiba a origem do povoado Mussuca, o discurso de que se tenha derivado do ajuntamento de escravos fugidos das fazendas dos arredores é o mais aceito pelos moradores. É o que está presente na escola, nas conversas informais, nas entrevistas e nos meios de comunicação. A localidade é o mais conhecido reduto da cultura afro-descendente de Sergipe. A ela foi atribuída, pela Fundação Cultural Palmares em 2006, o título de comunidade remanescente quilombola.

Nos dias de hoje, a população da Mussuca vive, em grande medida, da economia de subsistência, plantando mandioca, milho, amendoim e feijão nas terras vizinhas, com o consentimento dos proprietários das fazendas. As mulheres do povoado complementam a alimentação diária com o que encontram através da pesca nos rios adjacentes: pescados, camarões, caranguejos, mariscos etc. Recentemente, grandes indústrias se instalaram na região, como a CIMESA (de cimento), a Fafen (fertilizantes nitrogenados) e a Usina Pinheiro.

2. Histórico da dança de São Gonçalo do Amarante e sua expressão de religiosidade

Dias (2001) descreve dois modos através dos quais os escravos negros celebravam as festas na época colonial: por meio das danças de terreiro, ou batuques, e os festejos dos Reis Congos. O primeiro era “privado”, pertencia somente à comunidade negra escravizada, e buscava manter as identidades africanas perdidas com o tráfico negreiro. Era duramente reprimido - aos olhos do

colonizador promoviam o paganismo e fomentavam a desordem social. O segundo era público, realizado na rua e inserido no calendário das festividades católicas, garantindo certa inserção social – ainda que momentânea – do homem escravo. Segundo Lange (1969), as danças realizadas em homenagem a São Gonçalo, ao lado dos batuques, aparentemente se incluem entre as “diversões desonestas”, por serem ambas de cunho pagão.

O relato do viajante de pseudônimo Gentil de La Barbinais sobre a realização de uma festa em homenagem a São Gonçalo do Amarante ocorrida na cidade de Salvador (Bahia), em 1717, expõe detalhes da prática da dança (Tinhorão, 2000, p. 135). O viajante descreve:

Partimos em companhia do Vice-Rei e de toda a Corte. Próximo da igreja dedicada a São Gonçalo e nos deparamos com uma impressionante multidão que dançava ao som de suas violas. Os dançarinos faziam vibrar a nave da igreja chamada São Gonçalo. Tão logo viram o Vice-Rei cercaram-no e o obrigaram a dançar e pular, exercício violento e pouco apropriado tanto para a sua idade quanto posição: seria porém aos olhos de tal gente pecado digno do inferno ter ele se recusado a prestar aquela homenagem ao santo cuja festa se celebrava. Tivemos nós mesmos que entrar na dança, por bem ou por mal, e não deixou de ser interessante ver numa igreja padres, mulheres, frades, cavalheiros e escravos a dançar e pular misturados, e a gritar a plenos pulmões: “Viva São Gonçalo do Amarante!”.

O culto aos santos católicos, na época colonial, possuía muito mais relevância para a população que o seguimento dos sacramentos religiosos. Esta é uma característica do catolicismo que choca tanto o visitante Gentil de La Barbinais “quanto a outros visitantes ao perceber um cristianismo em que o dogma não era primário senão centrado na devoção dos santos” (Hoornaert, 1992, p. 388). Na mentalidade dos que vivem esta espécie de religiosidade, a Igreja é um lugar no qual se fazem orações e onde as tradições são conservadas. Mas não é a ela que se pede uma mensagem de fé e uma orientação para a vida. Esta é antes modelada pelas tradições locais, com as quais se fundem as tradições religiosas. As festas religiosas, as procissões, as solenidades dos santos padroeiros, as associações e irmandades religiosas, até mesmo os sermões, tudo constitui uma teia complexa, mescla de religião e de cultura local, através da qual a sociedade impunha suas normas aos comportamentos religiosos.

A devoção a São Gonçalo do Amarante parece ter sido perseguida desde o início da colonização portuguesa por uma Igreja Tridentina que caracterizava tais festas como “resquícios do paganismo” ou mesmo “profanas”. Mas a festa continuou resistindo, conforme vemos. Esta Igreja que chega ao Brasil por meio da figura dos jesuítas não é intolerante em relação à prática da dança e música na conversão e catequização dos ameríndios; ao contrário, utiliza variados recursos cênicos para dita tarefa (Otávio, 2004).

A Dança de São Gonçalo do Amarante é uma das inúmeras manifestações tradicionais brasileiras que compõe, ao lado das Folias de Reis, Congadas, Cavalhadas e Moçambiques, o rico mosaico do catolicismo popular brasileiro, o qual compreende as mais diferentes manifestações religiosas que recebem influência tanto do catolicismo popular quanto do tradicional.

3. Etnografia da dança de São Gonçalo da Mussuca

A antropóloga Beatriz Góis Dantas, autora de “A dança de São Gonçalo” (1972), estudou o grupo de São Gonçalo do Amarante existente no povoado Mussuca, afirmando que, até a década de 70, a dança em questão tinha única e exclusivamente o propósito de pagamentos de promessas ao santo. Nessa ocasião, a apresentação era precedida por sete ensaios (realizados sempre aos domingos) quando passa a ser realizada fora do contexto ritual, tendo início o processo de organização de festas promovidas pela Secretaria de Cultura do Estado de Sergipe.

No trabalho de campo pude constatar o rito sendo iniciado pela manhã, chamado pelos participantes de ensaio geral. Compõem o grupo dois tocadores de violão, um tocador de cavaquinho, a mariposa (a esposa do patrão do grupo e que tem a função de carregar a imagem do santo ao longo da dança sagrada) e uma cantora chamada Nadir.

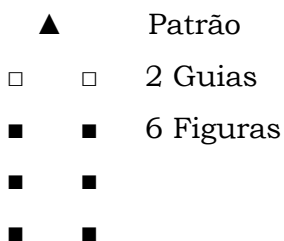
No trabalho etnográfico realizado no povoado da Mussuca (Santos, 2010), se observou que, acertados os últimos detalhes da apresentação (entre o chefe do grupo e a pagadora de promessas), cerca de vinte cadeiras foram organizadas para acomodar a plateia, constituída de familiares da promessa e vizinhos. Os convidados chegavam e pouco a pouco se acomodavam na sala da casa. Na cozinha,

uma equipe de mais ou menos sete pessoas se agitava para que a comida a ser servida depois do ensaio, no almoço, estivesse pronta.

Para o ensaio, Seu Sales, patrão do grupo na época da pesquisa, exigiu que os dançarinos vestissem calças, camisetas, mas permanecessem com os pés descalços. Na cabeça os dançarinos vestiam um pano branco atado por uma fita vermelha. No pescoço usavam colares de contas coloridas. No momento de apresentação do grupo, o patrão veste uma roupa característica de marinheiro, sapatos brancos, calças brancas e um chapéu de marinheiro. Os integrantes ou dançarinos do grupo, chamados de figuras, vestem uma roupa branca, com lenços na cabeça, saia ao redor do corpo e fitas coloridas.

Na pesquisa de campo etnográfica, percebeu-se ainda que a composição do grupo no momento da pesquisa era distinta da registrada por Dantas em 1972. Para o pagamento de promessa realizado na ocasião do campo, 21 de fevereiro de 2010, os integrantes se apresentaram da seguinte maneira:

♪ Tocador de violão ♪ Tocador de cavaquinho ♪ Tocador de violão ☀ Mariposa ⚡ Nadir



- Patrão: além de comandar toda a dança e os dançarinos, toca um instrumento chamado caixa;
- Guias: são dançarinos e tocadores de reco-reco;
- Figuras ou dançarinos: se posicionam atrás do guia, formando duas fileiras de quatro pessoas.

O almoço oferecido pelo pagador de promessas aos dançarinos do grupo é uma obrigação (ex-voto) e deve acontecer logo após o ensaio geral. Como se observou na promessa realizada, na sala onde haviam acabado de dançar os membros do grupo, cuidadosamente, as donas da casa estendem uma esteira onde foi servida a comida do almoço, e sobre a mesma colocaram um tecido branco rendado.

Treze pratos, um para cada figura, dois para os tocadores, um para Nadir, e dois mais para a Mariposa e o patrão são dispostos ordenadamente. Toda a comida é distribuída de modo que não fica quase nenhum espaço livre sobre a esteira. Ajoelhados, o patrão do grupo com auxílio de um ajudante serve a cada um dos treze pratos. Os figuras se dispõem em volta da esteira ocupando os mesmo lugares no momento da dança. Apenas Sales e seu ajudante podem servir aos integrantes do grupo. As pessoas convidadas e a família se servem e comem em seguida, em diferentes lugares da casa. Há uma preocupação grande por parte das donas da casa com o bem estar dos convidados.

Terminado o almoço, quando todos já estão satisfeitos, se canta a música final da primeira parte do rito, a chamada música do papagaio. Os dançarinos, o patrão, a cantora do grupo e a mariposa se ajoelham em frente à imagem do santo e, melodicamente, iniciam a música do papagaio. Os tocadores, sentados, acompanham a belíssima canção, cantada apenas nas apresentações religiosas do grupo.

Neste momento importante, aparentemente o mais sagrado de todo o rito, observa-se que um figura, que não se apresentou por estar enfermo, ajoelha-se em frente ao santo, alojado nas mãos da Mariposa, e canta a música junto com seus companheiros, tomando a liberdade de improvisar e agregar algumas partes à canção. Enquanto todos cantam juntos, ele segura em suas mãos as fitas coloridas atadas no barco onde está o santo. Algumas pessoas choram neste momento. Todos permanecem ajoelhados, sérios, alguns fecham os olhos, outros baixam a cabeça. Esta parte termina por volta das 14h e as pessoas retiram-se do local pouco a pouco.

Por volta das 16h, todos devem voltar à casa do promesseiro para o cortejo e a dança. O patrão veste uma roupa parecida com a que usava pela manhã, mas visivelmente mais nova. Os figuras vestem calças brancas, saias estampadas por cima das calças, tênis brancos, xale rendado pendurado de um lado a outro do ombro, colares e o turbante.

A procissão ou o cortejo é iniciada quando todos já estão presentes na casa da promesseira. Neste caso, como no almoço, há uma ordem a ser obedecida. Via de regra, o cortejo é encabeçado pela Mariposa e a promesseira, ambas vestem branco.

A partir deste momento a responsabilidade de carregar a imagem do santo é da promesseira. Atrás delas seguem os mesmos dois tocadores e a cantora. Em seguida o patrão com sua caixa e os oito figuras. Os fogueteiros ficam do lado de fora da casa, soltando os fogos obrigatórios no rito, e seguem toda a procissão, soltando fogos a cada nova jornada (música). A procissão é acompanhada pelos moradores do povoado, que, a cada ocasião, reafirmam sua devoção a São Gonçalo do Amarante (Ilustração 1).



Ilustração 1 – Imagem de São Gonçalo do Amarante em Procissão na Mussuca, Laranjeiras/SE
Foto: Gabriela Nicolau dos Santos (2010)

Todo o processo cotidiano no ritual da dança para São Gonçalo do Amarante mostrou que o seu valor intrínseco se vincula ao aspecto da religiosidade e fê ao santo católico invocado. No entanto, quando a citada manifestação religiosa que está incorporada ao costume local ganha ares de folguedo da cultura popular, traduzido a identidade cultural da Mussuca, converte-se em patrimônio e atrativo turístico.

4. A dança de São Gonçalo e a apropriação pelo turismo

Segundo a pesquisa realizada por Dantas (1972), acredita-se que a apropriação da dança de São Gonçalo pelo turismo tem início nos anos 1970, quando a prefeitura de Laranjeiras decide convidar o grupo para apresentar-se no recém criado Encontro Cultural de Laranjeiras. O grupo, cujas apresentações eram restritas especialmente ao povoado Mussuca, após participação neste evento, ganha

grande visibilidade e passa a “abrilhantar” festivais e encontros culturais em todo o país.

Mesmo sedo criada como dança votiva tendo a sua essência religiosa, necessidades financeiras e de permanência do culto adaptaram o folguedo para novas articulações sociais como o turismo cultural-religioso. Podemos nos apropriar do que Spink (1993) menciona sobre o sujeito, não somente como um produto de determinações do grupo, nem produtor independente ou mesmo isolado, mas como ator social ativo diante de novas demandas. Em ambos os casos verificados no artigo, tendo a religiosidade como gênese, os sujeitos criam meios de se enquadrar em novas demandas como os encontros culturais e festas de padroeiro.

Elementos que se relacionam à atividade turística, notadamente o segmento do turismo cultural-religioso: o turismo religioso não só se apropria de uma manifestação vinculada ao sagrado, como a transforma em espetáculo, pois não pode haver turismo nesse segmento [...] “sem a percepção de elementos simbólicos que remetem ao divino” (Oliveira, 2004, p. 65). Diante de tudo isso, o turismo religioso vem se consolidando como uma atividade necessária à busca do sagrado nas manifestações de caráter religioso-cultural. Espaços, festas, manifestações religiosas e santuários, cada vez mais se consolidam como destinos turísticos sendo chancelados por entidades religiosas e órgãos oficiais de turismo³, e como opção estratégica de desenvolvimento para muitos destinos (De La Torre et al, 2012).

Se anteriormente a dança de São Gonçalo do Amarante representava um ideal religioso dos membros da comunidade local, com as novas representações criadas a partir de eventos culturais com apelos turísticos, o folguedo católico passou a ser ressignificado, voltando-se para além da comunidade, sendo valorizado pelo público externo. Portanto, mais do que lamentar, sobre o processo de mudanças no ritual da dança de São Gonçalo, trata-se de perceber essas novas representações advindas do turismo com caráter de espetáculo e *performance*, como uma nova tradição profana e moderna (Steil, 2003).

Conforme analisado e seguindo as indicações da antropologia da *performance* (Schechner, 1985), percebe-se que o grupo transita, pouco a pouco, entre as categorias de “ritual” e “teatro”, assumindo, diante do contato com uma nova platéia, novas funções voltadas, dentre outras, a agradar ao público que não necessariamente conhece o contexto religioso da dança em questão. O caráter

religioso, coberto de seriedade e regras que devem ser cumpridas por parte dos dançarinos sob pena de “punição”, co-existe com a brincadeira, em que o corpo se apropria da liberdade para mostrar-se e exhibir-se.

Ao longo dos últimos anos, no entanto, tem-se observado a negação por parte dos brincantes em apresentar-se em eventos promovidos pela prefeitura (Ilustração 2).



Ilustração 2 – Dança de São Gonçalo do Amarante da Mussuca no Encontro Cultural de Laranjeiras/SE. Foto: Ivan Rêgo Aragão (2012)

A crítica amplamente difundida entre os brincantes dos grupos existentes na cidade de Laranjeiras é de que o grupo e seus participantes são “explorados” e que, no caso da promoção de eventos através da participação do grupo, o mesmo deveria receber uma gratificação (cachê), tal qual ocorre com os demais artistas e músicos presentes nos eventos (festivals e encontros culturais).

5. Objetos votivos na Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão

A cidade de São Cristóvão está localizada a 26 km da capital Aracaju. Por já ter sido criada em 1590 (Nunes, 2007) com o estatuto de cidade, ficando respectivamente atrás de Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa (antiga Filipéia de Nossa Senhora das Neves), é considerada a quarta cidade mais antiga do Brasil. A localidade pertencente ao estado de Sergipe, na região nordeste, recebeu em 2010 da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, o selo de

lugar que possui um sítio histórico Patrimônio Cultural da Humanidade: a Praça de São Francisco.

Anualmente, durante o período da Quaresma, é realizada a Festa do Senhor dos Passos. Uma celebração eminentemente popular e penitencial, com exposição pública da fé, onde o caráter emocional e sacrificial das pessoas está diretamente ligado às dores do Cristo e sua mãe Maria. Segundo Fragata (2006, p. 23), a Festa de Passos em São Cristóvão “é uma espécie de auto dramático, ambulante, barroco, com paradas denominadas ‘Passos’ ou estações da *Via Crucis*”.

Em consequência da festa centenária, e com os milagres atribuídos ao Senhor dos Passos, ano após ano, devotos, promesseiros e penitentes levam à festa objetos relativos às curas alcançadas. Desse modo, surgiu espontaneamente na Igreja do Carmo Menor o Museu dos Ex-votos, que abriga o acervo de objetos vinculados ao Senhor dos Passos. A função atribuída aos ex-votos, como acervo museológico, perpassa pela nova representação social que atribui novos usos aos objetos.

Os visitantes e turistas não possuem necessariamente vínculo devocional, e, nesse sentido, são alheios aos vínculos afetivos e de fé atribuídos originariamente à devoção ao Senhor dos Passos e conseqüentemente aos objetos dos ex-votos. Porém, durante a festa, em maior ou menor grau, se relacionam com o sagrado em algum momento. Essa observação do “outro” com suas práticas devocionais é um atrativo à parte para os visitantes que não se enquadram como devotos. Eles não se vêm vivenciando uma experiência pessoal, mas se colocando como “[...] observador externo na qualidade de turista, frente a uma experiência vivenciada por outros e que se torna objeto de admiração” (Steil, 2003, p. 254). Ainda assim, como afirma Eliade (2008), o grupo que se posiciona fora das práticas religiosas ainda conserva resquícios do comportamento religioso, porém vazio de significados.

No acervo do Museu do Ex-voto em São Cristóvão, as peças são confeccionadas em madeira, gesso, argila e parafina, representando partes do corpo humano (Ilustração 3). Compõem o acervo do museu: fotografias, esculturas, quadros, cruzeiros, mechas de cabelo, recados, sandálias, sapatos, chaveiros, pernas mecânicas, próteses, aparelhos de coluna, esculturas de partes do corpo humano, dentre outros. Os ex-votos são considerados esteticamente singulares e admirados

como obras de arte popular, documento de pesquisa, de fé e patrimônio cultural (Aragão, 2012).



Ilustração 3 – Ex-votos do Senhor dos Passos, São Cristóvão/SE
Foto: Ivan Rêgo Aragão (2012)

Na visão da Sr^a. Lúcia Pereira⁴, os ex-votos são objetos de devoção e peças artísticas, patrimônio da fé do povo sergipano⁵. Esses objetos são a concretização de que o louvor aconteceu. Nas palavras da Sr^a. Aglé d'Ávila⁶, os ex-votos são o símbolo do pagamento de promessa, da benção que foi conseguida, são um símbolo de devoção⁷.

A vida moderna interfere no ato religioso do devoto e fiel romeiro. Se no passado as peças eram em tábuas votivas desenhadas, pintadas, talhadas ou moldadas à mão, tem-se visto a substituição desses objetos por plástico, papel e cera, fotografia e fotocópia, a grande maioria confeccionada em suportes de materiais industrializados. Segundo Trigueiro (2005, p. 5),

[...] a fotografia se encontra em dois campos tipológicos de ex-votos: os representativos e os midiáticos. São redes simbólicas de representações dos acontecimentos milagrosos, reproduzidos e difundidos por meio de dispositivos tecnológicos.

A Sr^a. Lúcia Pereira discorda dessa afirmação. Na sua percepção o que modificou não foi o hábito de trazer os ex-votos, mas o material utilizado para a sua produção. De acordo com a entrevistada [...] “se no passado eram utilizados materiais mais nobres para confeccionar os ex-votos, como as madeiras, hoje são

eles são feitos em massa de *biscuit*, isopor, plástico, PVC, fotocópias, materiais mais modernos” [...]⁸. Uma amostra da utilização desses novos suportes pode ser visualizada no gráfico abaixo que é resultado dos questionários utilizados no trabalho de campo (Gráfico 1).

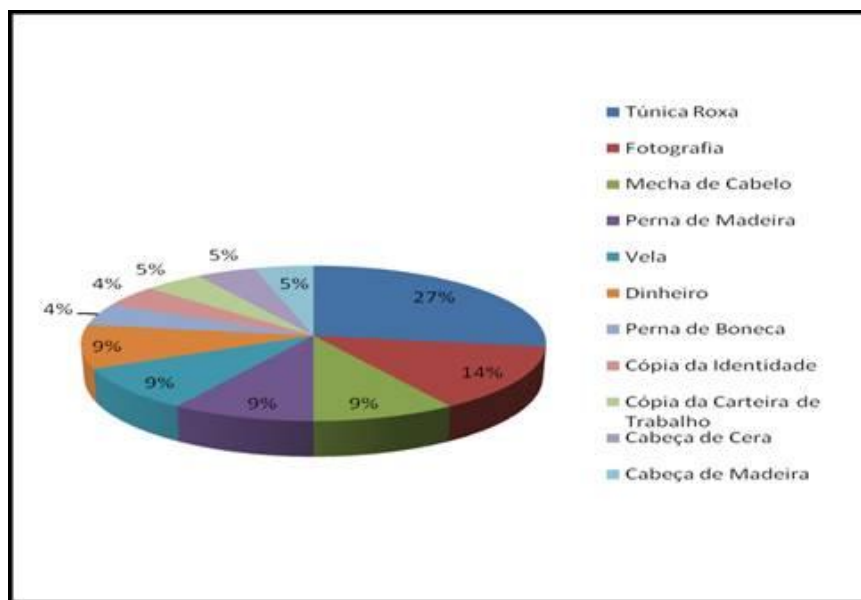


Gráfico 1 – Tipos de Ex-votos Levados ao Museu
Fonte: Ivan Rêgo Aragão (2012)

A festa do Senhor dos Passos, como anteriormente mencionado, é um evento no qual o caráter da dor é o principal vínculo de identificação entre a invocação do Senhor dos Passos e a quase totalidade dos envolvidos. O ato sacrificial permeia as ações dos devotos durante a celebração e torna o *sacra facere*⁹ uma constante nos dois dias em que ela acontece. As ações que mais chamam à atenção são aquelas que envolvem alguma forma de sacrifício do corpo durante o circuito da procissão. Atos como carregar pedra, feixes de lenha, colocar uma coroa de espinhos na cabeça, andar descalço e de joelhos (Ilustração 4), rolar pelo chão no percurso da procissão. Sacrifícios que colocam “o corpo nos limites da resistência humana visando torná-lo mais divino” (Pereira, 2003, p. 77). Ainda segundo o citado autor (2003, p. 83), “o corpo desempenha um importante papel na manifestação da devoção sacrificial. Toda atitude de sacrifício passa pelo corpo ou se reflete no mesmo. É através do corpo que as pessoas expressam sua devoção. Estas expressões estão presentes nas relações sacrificais [...]”.



Ilustração 4 – Penitente Andando de Joelhos na Procissão
Autora: Ivanda Santos (2011)

Nessa perspectiva, os questionários respondidos formaram uma amostra dos fiéis-devotos e visitantes-turistas sobre qual seria a sua maneira de agradecer por uma graça alcançada (Gráfico 2). O ato de estar descalço obteve uma expressiva lembrança 13% (andando da cidade de procedência com pés no chão ou nas procissões). Como uma maneira de usar as cores das vestes da imagem processional do Senhor dos Passos, em sinal de solidariedade, aparecem, respectivamente, os itens chegar à cidade em romaria (11%) e vestir túnicas roxas (9%). Pela imitação, o penitente/devoto se identifica com a dor de Cristo, a exemplo da colocação de coroa de espinhos na cabeça por alguns.

Na sequência dos valores percentuais registra-se a ação de enfrentar filas demoradas para passar em baixo das charolas, nas quais se encontram as imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores (8%). A desobriga dos ex-votos aparece na amostra com 7%, não sendo, portanto, a mais marcante forma de pedir ou agradecer. Por fim, aparece o rolar no chão durante a procissão (3%). Esse ato está cada vez mais se extinguindo, porém se faz presente na pesquisa, por estar na memória coletiva da festa.

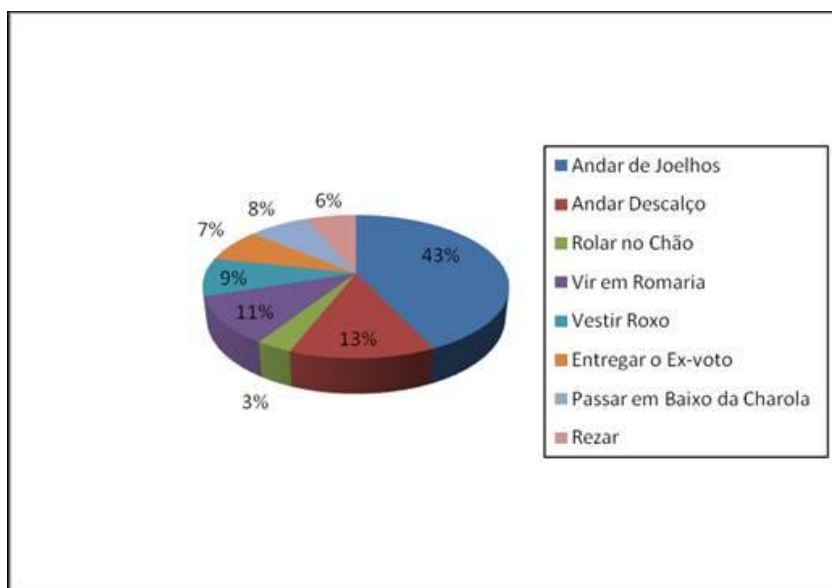


Gráfico 2 - Maneiras de Agradecer por uma Graça Alcançada
Fonte: Ivan Rêgo Aragão (2012)

Como fonte e registro, o ex-voto torna-se de utilidade histórica, ou seja, passa a ser, dentre outras coisas, um documento plástico representativo de ações humanas (Leite, 2002). É pela cristalização material de bens imateriais através da produção do ex-voto que, muitas vezes, “nós podemos separar, distinguir e atribuir significado às nossas ações” (DaMatta, 1984, p. 51). Esses objetos de fé consolidam de forma concreta o valor do compromisso do devoto com o santo.

Segundo a amostra pesquisada no trabalho de campo durante a edição da Festa de Passos em 2011 que envolveu fiéis, devotos e visitantes, o hábito de levar os ex-votos significa, para 21%, o pagamento de uma promessa e, para 18%, uma graça alcançada (18%). O ex-voto, como representativo do ato de fé, aparece com 20%, em contraponto à visão do ex-voto como uma obrigação com o Senhor dos Passos, com 12%. O pensamento de Geertz (1989, p. 143) é comprovado na prática dos resultados da pesquisa de campo. O autor mencionou que a religião não é apenas metafísica: “[...] as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral, de obrigação intrínseca, de compromisso emocional”. Ainda no resultado publicado na amostra do terceiro gráfico, despontaram a significação vinculada à graça alcançada (18%) e como forma de agradecimento (12%). Por fim, aparecem nas repostas da pesquisa de campo que os

objetos dos ex-votos representam a cura/milagre (8%) e a confirmação do amor/aproximação com Deus (7%).

O devoto tem consciência da função do objeto que está sendo levado. Ao transferir o mau para aquele artefato e entregá-lo ao Senhor dos Passos, o fiel acredita na cura presente/futura e melhoria, tanto pessoal quanto de saúde, financeiro etc. Sem essa característica de transferência os milagres não teriam valor para a religião e para o devoto (Gráfico 3). Dessa maneira, os ex-votos nos permitem visualizar as práticas dos homens (indivíduo social) dentro do seu meio, com todas as suas mazelas, desejos e necessidades (Leite, 2002).

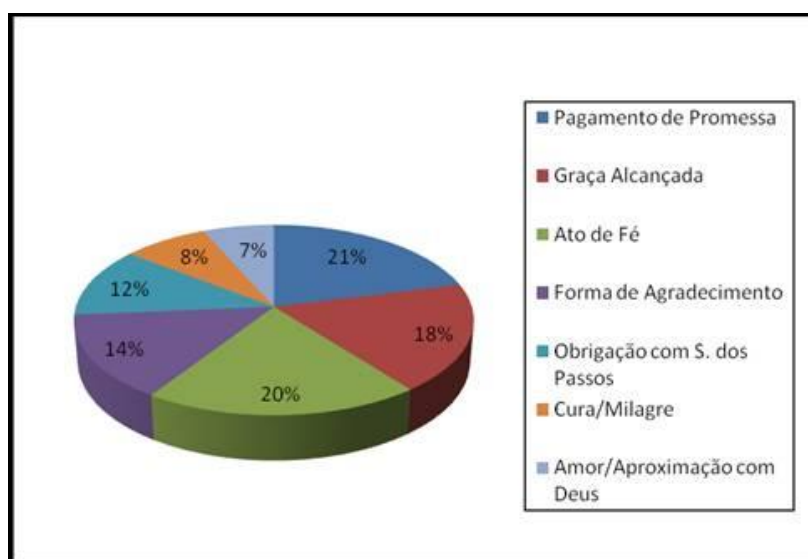


Gráfico 3 – Significado de Levar Ex-voto a Festa do Senhor dos Passos
Fonte: Ivan Rêgo Aragão (2012)

A Sr^a. Lucia Pereira relatou que o hábito de levar ex-voto para o museu é como uma forma de afetividade: “como quem dá uma parte de si”. Não uma parte subjetiva, mas sim uma parte concreta. Por trazer um pedaço que, mesmo sendo apenas uma representação de uma parte do seu corpo, a pessoa considera que é o próprio membro que é entregue à imagem. Segundo ela, essa ação é extremamente afetiva, uma expressão tão singela de agradecimento, de contato com a divindade.

Sobre a afetividade, a entrevista acrescenta que o ex-voto vai além do fator pessoal. As promessas inserem a casa, a plantação, a colheita, o animal, todos no mesmo universo: o universo da consagração ao Senhor dos Passos. Fazem parte

ainda pedidos em favor de curas de doenças, seguidos por questões de natureza econômica como emprego, dívida, moradia etc. Tal resultado reafirma que no universo das classes menos favorecidas, as práticas religiosas desempenham papel primordial no exercício de satisfação das mais variadas necessidades sociais.

6. O Museu dos Ex-votos em São Cristóvão: sala de milagres ou atrativo turístico?

O Museu dos Ex-votos foi inaugurado no claustro da Igreja conventual do Carmo no dia primeiro de janeiro de 1990, ano em que se iniciou a comemoração dos 400 anos da cidade (Santos, 2004). O local surgiu como necessidade de guardar os objetos das graças alcançadas em favor do Senhor dos Passos. Era para ser um espaço de catequese, que mostrasse os milagres de Jesus sob a invocação dos Passos da Paixão. Naturalmente, tornou-se um atrativo não só de devotos que vão fazer a desobriga, mas também um espaço de museu da cidade atraindo turistas, curiosos e pesquisadores (Ilustração 5).

Inicialmente guardado pelos frades carmelitas e voluntários da Irmandade, no biênio de 2007-2008 o acervo do museu sofreu mudanças, tanto no que concerne a sua localização quanto ao seu cuidado. Antes da criação do museu, os ex-votos eram depositados no claustro da Igreja do Senhor dos Passos, de forma desordenada, como uma coleção de objetos espalhados, mofados e empoeirados. De acordo com o relato da Sr^a. Lúcia, o trabalho de reorganização do acervo passou pelo processo de desmonte, conservação, registro fotográfico e catalogação¹⁰. O museu ficou fechado por um ano, e voltou a funcionar em uma sala anexa à Igreja do Carmo Menor.



Ilustração 5 - Sala dos Milagres/Museu dos Ex-votos. São Cristóvão/SE
Foto: Ivan Rêgo Aragão

Pela grande quantidade de objetos levados ao longo dos anos, e pelo espaço limitado da sala onde são guardadas as peças, periodicamente é necessário que alguns objetos sejam queimados. Silva (1981, p. 33) menciona que “o fogo simboliza a purificação e a queima dos objetos, a confirmação de que a missão do santo milagreiro foi cumprida”. Para ela, “milagres envelhecidos são sempre ‘perigosos’ e devem ser consumidos pela purificação do fogo”.

Através da pesquisa bibliográfica, foi constatado que, quase sempre, as festas em favor à devoção ao santo/padroeiro que concede cura/milagre, criam um espaço (próximo à imagem ou local dos milagres) para o recebimento dos ex-votos. Estes espaços são de suma importância, pois, ao guardar objetos de graças alcançadas, tornam-se locais de registro material do poder do santo padroeiro. Como menciona Pereira (2003, p. 69) “o primeiro lugar em que o devoto visita depois de ver o santo, é a sala dos milagres. Ali estão os dados concretos que o santo é eficiente, poderoso, milagreiro ou qualquer outro adjetivo que reforce a reprodução da crença”.

Atualmente os museus são mais que espaços de guarda, conservação e exposição de acervos. Eles têm sido núcleos de educação para a comunidade onde se encontram inseridos. Núcleos por onde, através do seu acervo, se ensina e divulga os aspectos da cultura, identidade e costumes do local. Lugares que, para além de guardar a memória coletiva dos fazeres e costumes, informam e entretêm os visitantes, sejam eles da comunidade ou externo a ela.

O turismo religioso, indo além da motivação religiosa, proporciona lazer e entretenimento. As festas de padroeiro e santuários sagrados formatam espaços para a visita, onde contam a história do que imbrica o santo, milagres e atos de fé. É o caso das salas de milagres e museus de ex-votos, presentes em salas próximas ou anexas aos espaços de hierofania para onde existe um afluxo de indivíduos. Sendo assim, as pessoas que se deslocam às cidades, festas e procissões religiosas formam hoje uma “nova categoria de romeiros, que se dirigem ao santuário por motivações que devem ser remetidas mais a uma estrutura de significados próprios ao universo laico das viagens do século XIX do que ao universo místico das peregrinações” (Steil, 2003, p. 255). As novas motivações desvinculadas dos aspectos do sagrado estão mais relacionadas ao enriquecimento cultural, lazer, curiosidade e reconhecimento das diferenças socioculturais. Essa “trajetória do turista e do peregrino vai sendo construída como uma imbricação de práticas materiais e espaciais, produtoras de comportamentos, gestos e consumos [...]” (Silveira, 2007, p. 113).

Embora os objetos do acervo do museu dos ex-votos ganhem destaque pela sua função primordial durante os dois dias da Festa do Senhor dos Passos, ao longo do ano eles atraem turistas que chegam à cidade e conhecem a igreja, o convento do Carmo, ambos em estilo barroco/colonial, e a sala anexa do museu. O espaço é aberto a visitas, possui catálogo ilustrativo do acervo para comercialização e livro de registro de visitas (aspectos relacionados ao funcionamento de um museu).

Considerações Finais

A partir da pesquisa etnográfica realizada, constatou-se, no caso do grupo pagador de promessa São Gonçalo de Amarante da Mussuca, uma problemática associada à utilização de manifestações religiosas pelo turismo cultural. Se por um lado o grupo transforma-se – recebendo uma avaliação negativa e, às vezes, paradoxal por parte da comunidade (que vê com descontentamento as mudanças adquiridas ao longo do tempo por seu grupo “estimado”) – por outro se vê alguns integrantes do grupo motivados a permanecer na atividade em função das novas representações socioculturais e demandas externas à dança: o espetáculo e o turismo.

Com a pesquisa *in loco*, verificou-se que, para além da função de objetos referentes à graça/cura alcançada, os objetos de ex-votos (artefatos inseridos no

cotidiano da Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão-SE), passam a ser vistos como objetos de museu para serem admirados. Neste contexto, a apropriação pelo turismo é percebida por meio da utilização de artefatos de promessas cumpridas como peças museológicas e atrativos para visitação. Vale salientar que, também na política de salvaguarda, para além de artefatos tridimensionais, os ex-votos são a representação de fé e registro das práticas de religiosidade de uma região e/ou comunidade.

A pesquisa de campo etnográfica realizada no povoado da Mussuca permitiu a observação das modificações no vínculo/compromisso entre os devotos e a invocação cristã. Em São Cristóvão, percebeu-se a transformação dos objetos confeccionados, num primeiro momento, para pagamento das promessas em objetos de admiração e curiosidade. Ambos os casos atestam a relevância da participação crescente dos turistas em rituais religiosos até pouco tempo preservados e representados apenas para a própria comunidade e devotos.

Ao final, o estudo evidenciou, por um lado, as particularidades de uma dança destinada ao culto a São Gonçalo do Amarante ressignificada para a demanda turística dos eventos e encontros culturais; por outro, a conversão de objetos culto, relacionados ao compromisso devocional ao Senhor dos Passos, em peças de museu.

Referências bibliográficas

- ARAGÃO, Ivan Rêgo. *Vinde todas as pessoas e vede a minha dor: a festa/procição ao Nosso senhor dos Passos como atrativo potencial turístico em São Cristóvão-Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo). Ilhéus: UESC, 2012.
- BOMFIM, Wellington de Jesus. *Identidade, memórias e narrativas na dança de São Gonçalo do povoado Mussuca*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). João Pessoa: UFPB, 2004.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1984
- DANTAS, Beatriz Góis. *Dança de São Gonçalo*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1972.
- DE LA TORRE, Genoveva M. V et al. Etapas del ciclo de vida en el desarrollo del turismo religioso: una comparación de estudios de caso. *Cuadernos de Turismo*, España, Universidad de Murcia, n. 30, 2012. p. 241-266.
- DIAS, Paulo. A outra festa negra. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (Orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa*, n. 1, São Paulo: Edusp; Hucitec, São Paulo, 2001.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERNANDES, Rubem C. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução as religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FRAGATA, Thiago. Procissão dos passos em São Cristóvão/SE. In: VIEIRA, M. J. G. *Senhor dos Passos em todos os passos*. Aracaju: J. Andrade, 2006, p. 21-25.

GEERZT, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.

HOORNAERT, Eduardo. *História da igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LANGE, Francisco Curt. As danças coletivas públicas no período colonial. *Barroco*, n. 1, UFMG, 1969, p. 15-62.

LEITE, Rodrigo Reis. *Os ex-votos da igreja do Carmo de São Cristóvão: uma fonte para a história da cultura popular em Sergipe*. Monografia (Licenciatura em História). São Cristóvão, UFS, 2002.

NUNES, Maria Thétis. A Cidade de São Cristóvão na formação da história sergipana: da colônia a nossos dias. In: *Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Seinfra, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, Aracaju, 2007, p. 1-16. CD-ROM

OLIVEIRA, Christian Dennys M. de. *Turismo religioso*. São Paulo: Aleph, 2004.

OTÁVIO, Valéria Rachid. *A dança de São Gonçalo: re-leitura coreológica e história*. Dissertação (Mestrado em Artes). Campinas: UNICAMP, 2004.

PEREIRA, João Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo: PUC, n. 3, 2003, p. 67-98.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

SANTOS, Gabriela Nicolau dos. *La danza de San Gonzalo de Amarante de la Mussuca-Sergipe (Brasil): los cambios en la promesa y las promesas de cambios*. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Etnografia Cultural). Barcelona, Universidade de Barcelona, 2010.

_____. *Turismo e cultura popular: danças e folguedos de Laranjeiras como atrativos diferenciais do turismo em Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo). Ilhéus, UESC, 2006.

SANTOS, José Nascimento dos. *Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração*. Monografia (Licenciatura em História). São Cristóvão: UFS, 2004.

SCHECHNER, Richard. *Between theater and Anthropology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985

SILVA, M^a. Augusta Machado da. *Ex-votos e orantes do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

SILVEIRA, Emerson Sena da. *Por uma sociologia do turismo*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

SPINK, Mary J. P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 1993, p. 300-308.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 9, n. 20, 2003, p. 249-261.

TINHORÃO, José Ramos. *A festa no Brasil Colonial*. São Paulo: Trinta e quatro, 2000.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O anúncio dos milagres: o ex-voto como processo de folkcomunicação. *Revista eletrônica temática*, João Pessoa: UFPB, ano 1, 2005, p. 1-8.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? Trad. Cornelia Eckert. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, UFRGS, ano 15, n. 32, jul/dez. 2009, p. 157-170.

¹ Ação esta também conhecida como desobriga.

² As informações contidas nas entrevistas do presente artigo foram permitidas para divulgação pelos entrevistados através de declaração assinada de próprio punho.

³ Em 2013 o Ministério do Turismo no Brasil abriu edital de apoio para locais que possuem potencial para desenvolver o turismo religioso nas cinco regiões do país.

⁴ Mestre em antropologia e consagrada na Ordem Terceira do Carmo de Sergipe.

⁵ Entrevista concedida em 23/11/2011 na cidade de Aracaju.

⁶ Secretária de Cultura e Turismo (2008-2012).

⁷ Entrevista concedida em 18/03/2011 na cidade de São Cristóvão.

⁸ Entrevista concedida em 23/11/2011 na cidade de Aracaju.

⁹ A palavra sacrifício é derivada da expressão latina *sacra facere* que significa “fazer o sagrado” e debatida por Fernandes (1982), Pereira (2003) e Rosendhal (1996).

¹⁰ Com o título de “Saltério de Madeira: salvaguarda dos signos de cura e de fé de São Cristóvão”, o projeto da Sr^a. Lucia Maria Pereira foi um dos finalistas nacionais do Premio Rodrigo Melo Franco de Andrade no ano de 2011, promovido pelo Iphan na categoria pesquisa e inventário de acervos no Museu do Ex-voto em São Cristóvão.

Recebido em 17/12/2012, revisado em 31/05/2013, aceito para publicação em 26/07/2013.